



Roma, 20 de Maio de 2007

Prot. N. 182/2007

O dom de um coração fraterno

Carta à Congregação por ocasião da festa do Coração de Jesus

Caros confrades

Nos anos passados, propusemo-vos, como preparação para a festa do Sagrado Coração, aprofundar o convite do XXI Capítulo Geral para renovar a nossa vida religiosa e dehoniana. Detivemo-nos em três pilares que devem suportar toda a nossa vida de consagração: um coração à escuta de Deus (espiritualidade), um coração aberto aos irmãos (comunhão), um coração sensível e solidário com a Igreja e o mundo (missão). A partir da Conferência Geral, sugeríamos uma antropologia e uma espiritualidade do coração como centralidade e plenitude de um caminho de compreensão da nossa espiritualidade e da nossa missão.

Queremos prosseguir esta reflexão, em vista da próxima celebração da Solenidade do Coração de Jesus. Centramos a nossa atenção na vida de comunhão como concretização da nossa espiritualidade e ponto de partida do nosso testemunho evangélico.

1. Acolhendo juntos o dom do Espírito

A nossa vida fraterna nasce do mesmo olhar que, seguindo as pegadas do P. Dehon, nos habituámos a dirigir ao *Coração trespassado de Jesus* (Jo 19,25.37). Descobrimos aí a manifestação do incomensurável amor de Deus pela humanidade. Encontramos o nascimento da Igreja, a redenção da humanidade, através do dom do Espírito, que se torna perceptível no sangue e na água que jorram do Coração de Jesus.

A pequena comunidade que acolhe esta revelação do mistério e dele dá testemunho merece uma atenção especial. Juntamente com algumas mulheres, evidenciam-se a Mãe de Jesus e o discípulo amado. Para eles se dirige a última palavra do crucificado aos seus (as outras duas serão para anunciar a sede do dom do Espírito e para entregar a vida nas mãos do Pai): “*Mãe, eis o teu filho; filho, eis a tua mãe*” (Jo 19,26-27). Com estas palavras Jesus não deseja apenas assegurar protecção a Maria, mas constituir a sua comunidade, formada pelo Israel fiel, representado pela Mãe e pelo discípulo que Ele ama, que prefigura aqueles que o seguem. Nestas duas figuras cumpre-se o projecto de Jesus, que se torna possível pelo dom do Espírito; unem-se a tradição de Israel e a novidade do discipulado; tem início a verdadeira família do ressuscitado e a nova humanidade.

À sombra deste mistério de amor nascemos nós cristãos, como filhos e filhas do Espírito; nascemos como dehonianos, qual comunidade dentro da grande família que é a Igreja. Nascemos

como comunidade, que recebe e dá testemunho do amor de Cristo, fonte de vida e de unidade. Nascermos todos aqui, porque, como o evangelista, vimos, experimentámos, aceitámos o dom do Espírito proveniente do Coração de Cristo, n'Ele acreditámos e damos testemunho, a fim de que outros possam acreditar. Este testemunho não é mais uma questão individual, mas a atestação de toda a comunidade. É o dom do Espírito que funda a comunidade de Jesus; por isso, a vida fraterna no Seu Espírito é sinal que revela a presença do ressuscitado no meio dos seus.

O dom do Espírito, que torna possível a comunidade dos discípulos, constitui, na tradição neo-testamentária, o ponto culminante da missão de Jesus. João vê-o revelado na hora da glorificação de Jesus na cruz e tornado tangível aos discípulos na primeira aparição (Jo 20,19-23). A tradição de Lucas, ao invés, dele celebra a plena manifestação no Pentecostes (Act 2). É o Espírito que torna possível a comunhão entre os membros da primeira e da segunda aliança, sob a cruz. É sempre o mesmo Espírito que reconduz à mesma linguagem do amor, os irmãos e as irmãs vindos de todas as línguas, nações e culturas, na manhã de Pentecostes. Sem este dom e sem a comunidade, não estaria cumprida a redenção e a salvação. Para nós, dirigir o olhar para Aquele que foi trespassado, significa fazer nascer um olhar de fraternidade.

Não há verdade nem credibilidade numa consagração ou numa espiritualidade se não se tornarem comunhão fraterna. É o próprio João que nos diz que pretender amar a Deus, não amando os irmãos, é pura mentira (cf. 1Jo 4,20). Jesus, ao contrário, faz do amor o sinal distintivo e a prova da pertença a Ele: *“Reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13,35).

A nossa vocação carismática, como dehonianos, deve levar-nos a *uma especial sensibilidade* e a uma atenção constante e generosa na construção da comunidade fraterna. Se não houver harmonia entre nós, ao ponto de confrades não se falarem nem serem capazes de colaborar, se as nossas comunidades não estiverem reconciliadas, como podemos pretender ser *“profetas do amor e servidores da reconciliação”* (Cst 7)? Mas, aceitando o convite d'Aquele que nos chama a aprender d'Ele, que é manso e humilde de Coração (Mt 11,29), é importante deixarmo-nos modelar quotidianamente pelo Seu Espírito, que nos torna capazes de acolhermos os irmãos e de nos empenharmos com eles na procura e na realização da comunhão, a partir da comunidade em que vivemos.

A comunhão fraterna, da comunidade local, da Província/Região/Distrito e da Congregação, constitui o primeiro ambiente em que vivemos e damos testemunho da oblação e da reparação, ao serviço da construção de um mundo novo: *“Somos chamados, na Igreja, a seguir a Cristo e a ser no meio do mundo testemunhas e servidores da comunhão dos homens, numa comunidade fraterna”* (Cst 59).

2. A Congregação, um projecto de comunhão

A opção que fizemos pela vida fraterna, quando entrámos na Congregação, desenvolve-se, antes de mais, na comunidade local onde nos pomos à escuta de Deus, partilhamos a vida e os recursos da comunidade e nos colocamos juntos ao serviço do Reino de Deus.

Nós-comunidade

Este “nós-comunidade” é o *ponto de partida da comunhão entre todos os dehonianos*. Não se pode falar de um “nós-Província” ou de um “nós-Congregação”, sem uma real vida fraterna entre aqueles que vivem na mesma comunidade. Da qualidade da vida comunitária depende, em grande parte, a alegria e a fidelidade com que vivemos a nossa consagração e o testemunho que damos ao Evangelho. O primeiro dever de fidelidade e de coerência, para com o Senhor e os irmãos, está em levar o próprio contributo generoso à construção da comunidade onde somos chamados a viver e a servir.

É na comunidade que, a exemplo de Maria e João, nos colocamos *juntos em contemplação e em escuta* do Coração trespassado do Senhor. Deixamo-nos modelar por Ele e pelo Espírito que derrama sobre nós para nos tornarmos unidos e acolhedores. Sobretudo quando estamos juntos à volta da mesa eucarística, que procuramos prolongar na adoração, sentimos que é Ele que nos reúne. A escuta e a partilha da Palavra (*lectio divina*) são uma fonte de convergência e de critério na procura comum da vontade de Deus. É Ele que alimenta a comunhão, cura as divisões e torna possível a missão. Nenhuma justificação, pessoal ou pastoral, pode afastar-nos desta dimensão orante da comunidade. Sem ela, todas as outras dimensões perderão, antes ou depois, a sua razão de ser. Por isso, cada comunidade deve ter, pelo menos, um momento quotidiano de escuta e oração comum, se possível, à volta da Eucaristia.

É na comunidade local que *cada um deverá ter nome, rosto e voz*, sentir-se estimado e apreciado, de modo a poder desenvolver, com alegria e generosidade, os dons que recebeu. A comunidade é mais que um grupo de trabalho ou um coro litúrgico. Construí-la significa acolher verdadeiramente o irmão, dispondo para ele de tempo, atenção e afecto, e colaborando activa e corresponsavelmente na dinâmica comunitária, segundo o papel e a função de cada um.

É também a este nível que *cada um põe em comum os bens* que a Providência nos oferece para a vida e a missão. Ninguém julga como seu aquilo que ganha ou recebe, mas põe tudo à disposição da comunidade, através da caixa comum, e dela recebe aquilo de que necessita. Esta liberdade evangélica a respeito dos bens, praticada com transparência e corresponsabilidade, torna-se um factor fundamental de comunhão fraterna entre nós e de solidariedade para com aqueles que não dispõem do essencial para a vida.

O *serviço da autoridade*, inspirando-se na figura do Bom Pastor, do lava-pés e do Filho do homem que veio para servir e dar a vida, tem um papel importante em favorecer a expressão do Espírito na comunidade. Tal serviço será feito através da atenção a cada confrade, da promoção do clima de fraternidade, corresponsabilidade e na coordenação das actividades. As decisões necessárias são tomadas depois da conveniente participação de todos na procura dos caminhos de fidelidade a Deus, aos irmãos e à missão da comunidade.

Nós-Província

A vida das comunidades abre-se a um “nós-Província” (Região/Distrito). Aqui *aprendemos a olhar mais para além* dos nossos programas pessoais e da missão que realizamos. Inserimo-nos num projecto pastoral que integra ministérios diversos e complementares, seja para a vida e desenvolvimento do Instituto, seja para o serviço pastoral que somos chamados a desenvolver na Igreja local na qual nos encontramos.

A identidade dehoniana e o serviço que oferecemos à Igreja e à sociedade passam através deste *sentido de pertença* a uma Província/Região/Distrito, que gera comunhão e leal participação à volta da nossa vida e missão. O seu aperfeiçoamento requer, da parte daqueles que presidem, adequada informação e momentos de festa, formação e participação. Através destes momentos é dada aos irmãos a possibilidade de se conhecerem e de participarem na vida e nas decisões que a todos dizem respeito. Cada um deve sentir-se interpelado a participar activamente na vida da própria Entidade. A missão comum deve ser assumida como própria, pondo generosamente ao seu serviço competências e capacidades, com coração aberto para construir a comunhão aonde o conduzir o serviço do Evangelho.

Nós-Congregação

O “nós-Congregação” oferece-nos a possibilidade e desafia-nos a *abrir o coração à universalidade* da Igreja e à missão no mundo inteiro. Não se constrói cortando as raízes das origens ou por falta de empenho na construção da comunidade de vida e da Província. É pedida, precisamente, esta experiência inicial para poder enriquecer a comunhão internacional com o estilo próprio do ser dehoniano na diversidade das culturas e das tradições.

A *Conferência Geral de Varsóvia* impeliu a Congregação para uma maior comunhão e colaboração entre as Províncias, no respeito do princípio da autonomia e subsidiariedade bem presente na nossa tradição. Como ideal, a Conferência propõe que cada dehoniano tenha a possibilidade e a disponibilidade de dedicar um tempo consistente da própria vida a uma missão diversa daquela que cumpre na própria Província de origem. Iniciámos o caminho na Congregação numa Província determinada, mas, como discípulos do P. Dehon, o nosso coração deve permanecer aberto aos horizontes universais do Coração de Cristo do qual nascemos. Um dehoniano nunca pode fechar-se no seu trabalho, na sua comunidade local, no seu país, na sua cultura e língua. Tudo isto lhe deve servir como ponto de partida para uma abertura e uma sensibilidade à comunhão e à missão em todo o mundo.

3. Uma comunidade sempre em construção

Nenhuma relação humana, mesmo quando tem origem na simpatia e no amor, se mantém viva graças à simples espontaneidade dos sentimentos. Para superar as dificuldades e manter a comunhão *requer-se um movimento positivo da vontade*. Isso é ainda mais verdadeiro numa comunidade religiosa, que não é baseada na atracção mútua da família ou da simpatia, mas na adesão comum à chamada de Deus. É o Espírito que nos transforma e torna aptos para a construção da comunhão fraterna e para a amizade. As nossas comunidades, como também a Congregação e a Igreja, são formadas por pessoas com as suas qualidades e defeitos. Cada um influencia positiva ou negativamente a vida comum. Por isso, as comunidades nunca são perfeitas e encontram-se sempre em construção. Como todas as realidades vivas, requerem, da parte de cada confrade, empenho e esperança.

Muitas vezes, desencorajamo-nos porque não somos capazes de assumir a comunidade nesta sua realidade de construção. Então surge a tentação daquilo que parece mais fácil: assumir a ruptura, estabilizar a tensão, desistir de construir a comunhão, remetendo-nos ao cómodo papel de vítimas incompreendidas e de críticas em relação a uma comunidade que não funciona. Isso é uma atitude de hóspede ou cliente da comunidade e não de um irmão. Jesus afirma a sua fiel lealdade e o seu amor aos discípulos, não porque sejam “amáveis”, mas porque Ele os ama. A comunidade não era já boa, mas Ele fá-la crescer oferecendo-lhe o seu amor até ao último respiro, apesar da incompreensão, da deserção e da traição.

Acreditar, quando tudo vai bem, não é difícil. Manter a esperança e oferecer amor e reconciliação no meio da discórdia e do ódio é *um fruto do Espírito*. É Ele que nos faz verdadeiramente profetas do amor e servidores da reconciliação, a partir das nossas comunidades. Não podemos limitar-nos a proferir palavras doces porque comemos mel ou a destilar amargura porque nos encontrámos a beber vinagre. Somos filhos do Espírito e, graças a isso, temos a capacidade de inverter a cadeia da desforra e do automatismo da destruição. O empenho e a esperança fazem-nos construir ou reconstruir a comunhão sempre que necessário. Esta é a nossa oblação e a nossa reparação a nível da comunidade. Assim, a vida fraterna torna-se sinal da presença do Senhor e da esperança para a construção de um mundo novo.

4. Comunhão ao serviço da missão

Descrevendo a primeira comunidade de Jerusalém, Lucas faz notar como a vida fraterna baseada na escuta da Palavra, a oração, o partir do pão e a partilha dos bens, constituía *um sinal de credibilidade*. Isto provocava a adesão de novos crentes e dava autoridade à palavra dos apóstolos que anunciavam o Senhor Jesus (cf. Act 2,42-47; 4,32-36).

A comunidade é, em si mesma, *anúncio da validade do Evangelho* para transformar o mundo a partir da reconciliação e do mandamento novo do amor. É também caminho, onde se aprende a conhecer Cristo e a deixar-se transformar por Ele. Na comunidade abrimo-nos ao

acolhimento daqueles com os quais partilhamos a fé, a vida quotidiana e a missão. Por isso, a vitalidade missionária de uma comunidade estará sempre ligada à qualidade da vida fraterna que ela vive.

A *composição internacional e multi-cultural* de muitas das nossas comunidades e da Congregação no seu conjunto constitui uma parte significativa deste testemunho da fraternidade. Num mundo cada vez mais globalizado, mas vítima de novas divisões, conflitos e injustiças, queremos ser, a partir das nossas comunidades, sinais concretos do amor universal de Deus. N'Ele superam-se as fronteiras e é possível a fraternidade, a solidariedade e a colaboração. Deste modo, colaboramos para infundir um coração de humanidade e de fraternidade universal no processo da globalização.

A comunidade fraterna, não só anuncia o Evangelho ao mundo, mas *modela também o estilo da missão*. Enviando os discípulos “*dois a dois*” (Mc 6,7), o Mestre faz-nos compreender a natureza comunitária de toda a missão, também quando alguém se encontra a trabalhar sozinho: “*É necessário que cada um, na sua função, tenha consciência de ser um enviado da sua comunidade e que todos se considerem interessados e comprometidos na actividade e na missão de cada um*” (Cst 62). Além disso, no desenvolvimento da missão, quem se deixou modelar pelo Espírito na própria comunidade, será sempre promotor de comunhão. Será também capaz de acolher as pessoas, de promover a corresponsabilidade dos leigos, de procurar soluções dos conflitos pela reconciliação e de contribuir para a edificação de uma Igreja e de um mundo mais fraternos. Este Espírito fraterno far-nos-á resistir à ilusão de uma “*eficiência individual*”, feita da incapacidade de aceitar e de trabalhar com os irmãos e da procura de protagonismo individual. Protagonismo que poderia levar ao nascimento de iniciativas que, uma vez vindo a faltar aquele que as empreendeu, poderiam ter problemas ou até não ter qualquer perspectiva de futuro.

Queremos prestar este testemunho da vida fraterna *com realismo e humildade*. De facto, estamos bem conscientes das dificuldades que nós próprios encontramos na construção da fraternidade entre nós e da fragilidade na qual trazemos o tesouro que nos foi confiado. Sentimo-nos, portanto, solidários com um mundo dilacerado pelas divisões e discórdias, mas que procura paz e solidariedade: “*A comunidade deixa-se interpelar pelos homens no meio dos quais vive e procura assumir e apoiar os seus esforços de reconciliação e de fraternidade*” (Cst 61). O nosso testemunho não é o de uma comunidade já perfeita, mas do caminho, retomado em cada dia, para a sua construção. Fazemo-lo através da contemplação de Cristo, modelo de Mestre e Irmão, e graças à oração e ao esforço quotidiano de acolhimento recíproco e de reconciliação. Voltamo-nos para Cristo, que se consagra a si mesmo ao Pai, em favor daqueles que não chama mais servos, mas amigos (cf. Jo 17,19). Cada dia oferecemo-nos, como oblação fraterna, para continuar a semear no mundo, a partir das nossas comunidades, a semente da reconciliação e da comunhão.

Possa a contemplação do Coração trespassado do Senhor, que nos preparamos para celebrar, modelar verdadeiramente o nosso coração. Que as nossas comunidades sejam sinais credíveis da presença e do amor d'Aquele que, através do seu Espírito, torna possível a construção de um mundo novo, na justiça, na fraternidade e na paz.

Fraternamente, no Coração do Senhor,

P. José Ornelas Carvalho, scj
Superior Geral
e seu Conselho